

DOSSIÊ

ESTUDOS DE EXIBIÇÃO E PÚBLICOS CINEMATOGRAFICOS: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E PRÁTICAS

NO ENCALÇO DOS MODOS DE VER OS CINEMAS E SEUS PÚBLICOS

Rafael de Luna Freire¹

Talitha Ferraz²

32

Os estudos sobre exibição cinematográfica no Brasil têm uma longa tradição, já consolidada por livros e estudos acadêmicos realizados nas últimas quatro décadas.³ Entretanto, é inegável o impulso recente que o campo recebeu através de novas iniciativas - tais como grupos de estudos, movimentos ativistas, eventos acadêmicos e não acadêmicos -, das quais a organização do presente dossiê é mais um exemplo.

Uma nova onda de livros sobre salas de cinema de diferentes cidades ou regiões do Brasil pode ser notada nos últimos dez anos, por exemplo, com as publicações de autores como Marinete Pinheiro e Neide Fischer (2008), Talitha Ferraz (2010), Renato Gama-Rosa Costa (2011), Rafael de Luna Freire (2012), Kate Saraiva (2013), José Inácio de Melo Souza (2016), entre outros. Em meio a esse movimento, um grupo de pesquisadores localizados, em particular, no Rio de Janeiro e em Niterói se juntou

1 Professor no Departamento de Cinema e Vídeo e no Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense. É coordenador do Laboratório Universitário de Preservação Audiovisual (LUPA-UFF).

2 Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ, com pós-doutorado no Centre for Cinema and Media Studies - Ghent University. É professora da ESPM-Rio e do PPGCine-UFF. Coordena o GP Modos de Ver - Estudos das salas de cinema, exibição e audiências cinematográficas (ESPM/CNPq).

3 Ver a revisão bibliográfica que José Inácio Melo e Souza realizou no artigo "O cinema na cidade: algumas reflexões sobre a história da exibição no Brasil", publicado no Mnemocine, em 2013. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/24-histcinema/200-resenhafreire>
Acesso em: 13 nov. 2019.

para ampliar os estudos historiográficos acerca de cinemas e práticas dos públicos em ações que resultaram, por exemplo, na criação de um Grupo de Estudos⁴, na organização do primeiro congresso acadêmico inteiramente dedicado ao tema⁵, e na proposição de um Seminário Temático focado na área dentro do congresso da Sociedade Brasileira de Estudos em Cinema e Audiovisual (SOCINE). Fora da academia, foi criado o Movimento CineRua que, além de sua presença nas redes sociais⁶, dialogou com outros grupos de ativistas em defesa, sobretudo, da preservação de antigos cinemas de rua, em inúmeras partes do Brasil. Há de se destacar o vigor da região Nordeste do país nesse sentido, em especial as atuações do coletivo CineRua-PE, grupo que pautou a criação do Programa CineRua no âmbito da Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco.

Trata-se, portanto, de indicar o renovado interesse pela memória, a manutenção e a democratização de uma certa experiência cinematográfica histórica, justamente num momento de radical modificação do circuito exibidor cinematográfico brasileiro (digitalização, 3D, hegemonia dos multiplexes etc.), que vai muito além dos muros da academia.

Como resultado desse processo, nos últimos anos testemunhamos o crescimento da produção de pesquisas transdisciplinares (de graduação, mestrado e doutorado) e, igualmente, de inúmeros filmes, sobretudo, documentários que se debruçam sobre as histórias da exibição e das densas ligações entre cinemas, cidades e pessoas.⁷ Há de se destacar ainda a ampliação do número de antigos cinemas que, frequentemente abandonados ou ameaçados de demolição, passaram a ser gerenciados diretamente pelo poder público (municipal, estadual ou federal) ou por universidades e instituições culturais, além da importante formação de grupos de admiradores ou militantes que se reúnem, física ou virtualmente, em prol do interesse comum pelo cinema e o seu espaço mais emblemático entre as diversas formas de acesso ao audiovisual.

Fazendo a ligação entre a tradição dos estudos sobre exibição cinematográfica e o impulso recente que acabamos de descrever encontram-se nomes de pioneiros nesse campo, como o de José Inácio Melo Souza, Hernani Heffner e, principalmente, João

4 GP Modos de ver (ESPM – UFF/ CNPq).

5 Encontro Modos de Ver, evento anual que, em 2019, realizou a sua terceira edição consecutiva no Rio de Janeiro.

6 Em 2014, o Movimento CineRua criou um grupo no Facebook que hoje já conta com cerca de 400 membros inscritos.

7 Um bom exemplo é a “Mostra Cinemas do Brasil: Quando a Sala de Projeção vira Personagem”, que em 2019 percorreu inúmeras cidades (ganhando espaço também na programação de alguns canais de TV), exibindo curtas-metragens brasileiros sobre as histórias de cinemas de rua extintos ou ainda em funcionamento no país. Destacamos também a recepção que o emocionante documentário “Cine São Paulo – O filme”, de Ricardo Martensen e Felipe Tomazelli, tem conquistado desde o seu lançamento, em 1º de novembro de 2019.

Luiz Vieira. Como orientador, apoiador e promotor entusiasmado das pesquisas ligadas ao que tem chamado de “histórias de cinemas” - em letras minúsculas e enfatizando o plural da palavra “cinema” -, João Luiz Vieira é o elo de ligação entre esses dois momentos. Autor, junto com Margareth Pereira, do pioneiro estudo “Espaços de sonho” (1983), realizado num momento de destruição e fechamento em massa de antigos cinemas de rua cariocas, João Luiz esteve à frente da criação do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da UFF (PPGCine-UFF), em 2017, dando abrigo e incentivo para novas pesquisas no âmbito da pós-graduação sobre a história da exibição cinematográfica no Brasil. Portanto, parece natural que a C-Legenda, em sua nova fase como revista oficial do PPGCine-UFF, dedique este dossiê ao supracitado tema.

Neste breve dossiê, contamos com a resenha de Theresa Christina Barbosa Medeiros para o livro *Os cinemas de Rua de Juiz de Fora. Memórias do Cine São Luiz*, mais uma notável publicação que hoje vem se somar às pesquisas da área. Já o artigo “Memórias do Vimark Cine: a trajetória do cinema de rua de Irati, no Paraná”, de Lucia Santa Cruz e Vinicius Carvalho, apresenta um estudo de caso sobre a trajetória de um pequeno cinema na contramão do processo de fechamento de salas no interior e em meio à padronização da projeção digital no circuito exibidor brasileiro. Discutindo a hegemonia cultural dos Estados Unidos, o texto “De Hollywood para os latinos: As versões em espanhol exibidas na América Latina e a hegemonia cultural dos Estados Unidos”, de Isabella Regina Oliveira Goulart, aborda o processo de distribuição e recepção, no Brasil, de versões em espanhol de filmes estadunidenses realizados em Hollywood durante a passagem para o cinema sonoro.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, R. G.-R. *Salas de cinema art déco no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FERRAZ, T. A *Segunda Cinelândia Carioca: cinemas, sociabilidade e memória na Tijuca*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

FREIRE, R. de L. *Cinematographo em Niterói: história das salas de cinema de Niterói*. Niterói: Niterói Livros, 2012.

PINHEIRO, M.; FISCHER, N. *Salas de sonhos: história dos cinemas de Campo Grande, MS*. Campo Grande: Editora UFMS, 2008.

SARAIVA, K. *Cinemas do Recife*. Recife: Funcultura, 2013.

SOUZA, J. I. M. *Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930): o cinema dos engenheiros*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2016.

VIEIRA, J. L.; PEREIRA, M. C. *Espaços de sonho: cinema e arquitetura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1983.